

Da regularidade discursiva nos encadeamentos midiáticos: casos “Zé Pilintra” e carretas pró-impeachment

On Discursive Regularity in Media Linkages: “Zé Pilintra” and Pro-impeachment Motorcade Episodes

Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | FAPERJ | Rio de Janeiro | RJ | BR
brunodeusdara@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-0429-8580>

Estêvão Carvalho Freixo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR
estevaofreixo@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-2910-0836>

Nathália Adelaide Figueiredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | FAPERJ | Rio de Janeiro | RJ | BR
nathaliafigueiredo22@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-1580-9358>

Resumo: Este trabalho realiza um exame comparativo de dois episódios de nossa história política que sugerem a existência de certa regularidade na forma como hoje se coordenam as instâncias midiáticas responsáveis pela circulação do discurso político. Diante da similaridade dos encadeamentos formados entre tais instâncias e das consequências geradas em cada um dos casos, foi estabelecido como objetivo de pesquisa a análise do circuito que as interliga, com o que parecem se coordenar uma série de respostas que terminam por estabilizar uma engrenagem comunicacional efetuada em cadeia. Para pavimentar o percurso de análise, foram conjugados os conceitos de *cadeia de gêneros* (Swales, 2004), que serve ao propósito de se investigar o modo como se associam os gêneros discursivos, e *encadeamento midiático* (Primo, 2008), com o qual se deve supor que os diferentes níveis de mídia hoje funcionam de forma articulada pela via de mecanismos intertextuais. Procedendo-se a uma análise das estratégias de retomada utilizadas em cada uma das instâncias comunicacionais, verificou-se que, na cadeia examinada, a TV exerce uma função centralizadora, na medida em que oferece o impulso inicial à formação do circuito no qual os gêneros vão aparecer justapostos, sempre retomando o conteúdo por ela transmitido. Com o estímulo inicial da difusão televisiva, os episódios são comentados de forma crítica nas redes sociais (notadamente no Twitter), do que decorre a representação dessa reper-



cussão nos jornais digitais, e, finalmente, atos e manifestações políticas no espaço das ruas.

Palavras-chave: cadeia de gêneros; encadeamento midiático; análise do discurso.

Abstract: This work performs a comparative analysis of two episodes of our political history that suggest the existence of a certain regularity in the way media instances responsible for the circulation of political discourse coordinate themselves today. Given the similarity of the linkages formed between such instances and the consequences generated in each case, the research aim was the analysis of the circuit that interconnects them, with which a series of responses seem to coordinate themselves and stabilize a sort of chain communication mechanism. To build our analytical path, the concepts of *genre chain* (Swales, 2004), which serves the purpose of investigating how discursive genres are associated, and *mediatic linkage* (Primo, 2008), with which one must assume that the different media levels function in an articulated way supported by intertextual mechanisms, were combined. Through the analysis of the resumption strategies used in each of the communicational instances, the analysis displayed that, in the examined chain, the TV exerts a centralizing role insofar as it provides the initial motion that generates the circuit in which genres appear juxtaposed, always recovering the television content. From this initial stimulus, episodes are critically commented on in social media (notably on Twitter), which leads to the representation of this repercussion in digital newspapers, and, finally, in political acts and manifestations in the streets.

Keywords: genre chain; media linkage; discourse analysis.

1 Introdução

Comparados os estilos de vida que entre a década de 1980 e os dias atuais foram experimentados nos grandes centros urbanos, não há dificuldade em se verificar que as modalidades de texto digital provenientes das tecnologias comunicacionais desenvolvidas ao final do século XX levaram a dinâmica das relações humanas a sofrer mudanças sensíveis e definitivas. Plataformas de comunicação multimodal viabilizadas com o aparecimento da *internet* multiplicaram os espaços virtuais destinados ao convívio, trabalho e demais atividades¹. Como resultado dessas transformações, parecemos estar hoje divididos entre dois mundos que, embora distintos, permanecem em constante relação: o habitual mundo presencial, do corpo a corpo, da experiência multissensorial, ao qual antes se atribuía a incontestável categoria do “real”; e a esfera da comunicação a distância, que permanentemente se expande com espaços e ferramentas cibernéticos de interatividade.

Uma viva ilustração da coexistência entre as experiências *on-line* e *off-line* se encontra, sem dúvida, na esfera do debate político. A exemplo disso, o amplo alcance das manifestações ocorridas em nosso país durante as chamadas “jornadas de junho”², ocorridas em 2013, parece ter se dado em razão do intenso intercâmbio que, à época, pôde se constituir entre o ambiente digital e o espaço das ruas, do que resultou uma espécie de circuito por meio do qual ambas as instâncias passaram a se alimentar reciprocamente.

Por ocasião das mobilizações populares em 2013, o ativismo na *web* serviu a diferentes objetivos práticos, como o planejamento de atos de protesto, o registro da evolução das passeatas, a captura da atividade policial e várias outras ocorrências situadas no mundo *off-line*. Iniciativas “ao vivo” eram capturadas *in locu* e depois retomadas no ambiente *on-line* para produção e difusão de narrativas. Buscava-se apreender a vida nas ruas, para propagar sua importância nas plataformas virtuais³.

Nesse contexto, promoviam-se novas leituras sobre a experiência do “real”, e as redes sociais começavam a ganhar vida própria, estabelecendo uma espécie de concorrência com a chamada mídia de massa. As narrativas coletivas se diversificavam enquanto os antigos conglomerados de telecomunicações perdiam parte considerável do monopólio que possuíam em relação à leitura da vida pública.

De outra parte, o ativismo virtual parece ter conquistado uma considerável autonomia nos últimos anos, passando os movimentos de protesto e as estratégias de intervenção a ser elaborados, processados e ativados no interior do próprio universo digital. A antiga sensibilidade que encarava as ruas como o lugar mais adequado à manifestação política foi se

¹ Sobre a utilização das plataformas virtuais nos ambientes de trabalho e sua função no modelo econômico pós-industrial, ver os trabalhos de Amorim, Cardoso e Bridi (2022) e Oliveira, Carelli e Grillo (2020).

² Em que pese a disputa de sentidos em torno das motivações ideológicas que lhe teriam dado causa, as “jornadas de junho”, ocorridas em 2013, talvez possam ser descritas como um conjunto de grandes levantes que, naquele ano, tomaram as ruas do país em manifestação contra o governo federal (Braga, 2015, Online).

³ A esse respeito, recomendamos a pesquisa de Morales, Souza e Rocha (2013), que em meio ao calor dos eventos, examinaram o papel da mídia alternativa na evolução das manifestações populares contra o poder público. O artigo dedica maior atenção à atuação do grupo “Mídia Ninja”, que fazia uso de tecnologias móveis e conexões sem fio para apurar, editar e transmitir no ambiente das redes as ocorrências registradas no mundo *off-line*.

substituindo pela percepção de que o mundo *off-line* e o ambiente das redes são igualmente apropriados ao confronto ideológico⁴.

Tendo como pano de fundo essas transformações desencadeadas pelo avanço tecnológico, desejariamos neste trabalho comparar dois episódios de nossa história política que parecem sugerir a existência de uma regularidade na ação coordenada de instâncias comunicacionais que hoje articulam o espaço das ruas com as superfícies textuais disponibilizadas no mundo virtual.

Uma dessas ocasiões diz respeito ao debate televisionado no segundo turno das eleições para a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em 2020, cuja transmissão ficou especialmente marcada por um comentário no qual o candidato Marcelo Crivella caracterizava seu adversário Eduardo Paes comparando-o a uma entidade ligada a religiões de matriz africana (O Dia, 2020, *Online*; Kneipp, 2020, *Online*). Zé Pelintra, guia espiritual incorporado em terreiros de cultos afro-diaspóricos, é representado, especialmente na cultura da Umbanda, pela figura tipificada de um “malandro carioca” do início do século XX. A comparação sugerida entre Paes e “Seu Zé”, como se diz no uso corrente, foi indicada pelo pastor com menção ao chapéu utilizado pelo ex-prefeito carioca durante os desfiles de carnaval em que esteve presente, o mesmo chapéu que serve de adereço à imagem encarnada do nome afro-brasileiro.

O efeito que se seguiu à fala de Marcelo Crivella, que veio a ser tomada como a veiculação de um preconceito religioso e racial, foi uma prolífera produção de memes, charges e *posts* que criticamente respondiam o comentário do pastor, apresentando Zé Pelintra, em lugar de Eduardo Paes, como seu opositor. Ato contínuo à circulação de *posts* anônimos foi o destaque concedido pelos jornais digitais à repercussão da fala de Crivella nas redes sociais. Em último avanço, as ruas foram preenchidas por eleitores vestindo o característico chapéu panamá no dia da votação nas urnas.

A outra circunstância, que, com a primeira desejamos comparar, diz respeito ao colapso no sistema de saúde em Manaus durante a pandemia, dada a escassez de oxigênio nas redes hospitalares. A dificuldade do governo federal em manejar as condições sanitárias de enfrentamento ao vírus se traduziu, nesse momento, em clímax de inabilidade e negligência em relação à saúde tanto de pessoas potencialmente afetáveis pelo vírus quanto de outras já contaminadas que vieram a perder sua vida pela falta de cuidado e planejamento estatal (Gussen, 2021, *Online*; Rede Brasil Atual, 2021, *Online*).

O episódio, amplamente difundido na TV e nos jornais, produziu nos estrados virtuais intensa mobilização pelo *impeachment* (impugnação de mandato) do então presidente Bolsonaro. Suas repercussões foram, como no caso anterior, destacadas em manchetes e matérias jornalísticas, culminando na organização de atos de protesto em diferentes regiões do país.

Diante da similaridade dos encadeamentos formados entre as instâncias comunicacionais nos dois casos descritos, estabeleceremos como objetivo deste trabalho o exame do circuito que as interliga, coordenando uma série de respostas que, dada a sequência regular em que se atualizam, terminam por estabilizar um tipo de engrenagem comunicacional efe-

⁴ Uma importante referência nesse sentido é, sem dúvida, o trabalho de Earl e Kimport (2011), que estudando as transformações possibilitadas pela web na realização das atividades de protesto, distribuíram os formatos de mobilização acionados no ambiente virtual em três categorias: as e-mobilizações, que apenas utilizam a internet como meio de compartilhamento de informações; os e-movimentos, em que a organização e a participação nos protestos ocorrem de forma inteiramente on-line; e as e-táticas, que combinam elementos das esferas on-line e off-line.

tuado em cadeia. Nessa direção, supomos a existência de um acoplamento habitual entre as instâncias da TV, das redes sociais, do jornal digital e do espaço das ruas, que juntas parecem integrar um fluxo discursivo organizado em um arranjo particular e relativamente constante.

Para pavimentar nosso percurso de análise, conjugaremos a ampla noção bakhtiniana de *gênero de discurso*, essencialmente definida pela identidade da produção enunciativa com a esfera da atividade humana a qual ela responde (Bakthin, 1997, p. 279), com o conceito de *cadeia de gêneros* (Swales, 2004, p. 18), que introduz o problema de se investigar as formas por meio das quais os gêneros podem funcionar de modo associado. Nessa direção, em lugar de nos voltarmos para os funcionamentos genéricos em seus modelos individuais, verificaremos a possibilidade de existência de uma institucionalidade que possa estar entre eles estabelecendo funções ou posições especiais no circuito de produção discursiva que parecem integrar.

Selecionamos, para a composição do conjunto documental a ser examinado, um total de oito matérias produzidas em jornal digital, distribuídas quatro a quatro para cada um dos episódios considerados, além do material divulgado em TV, cujo conteúdo consultamos no portal de vídeos Youtube. Os materiais em *streaming* foram disponibilizados no mesmo dia das transmissões televisivas, à exceção do debate entre Crivella e Paes, que foi acrescentado ao acervo do canal no dia seguinte à data de sua exibição na TV.

Os textos que comentam a fala do candidato Crivella foram publicados entre 27/11/20 e 30/11/20, e cobrem o período compreendido entre a transmissão do debate e o dia seguinte ao resultado nas urnas. As matérias noticiam tanto a repercussão nas redes sociais do debate televisionado como os efeitos ulteriores da polêmica no ambiente *off-line*.

Já as reportagens sobre as mobilizações em favor do *impeachment* do presidente Bolsonaro incluem publicações realizadas entre 15/01/2021 e 22/01/2021, prolongando-se, assim, do dia subsequente à difusão televisiva da falta de oxigênio em Manaus até as manifestações contra o presidente em diferentes regiões do país. Esses textos comentam as repercussões da crise de saúde no Twitter e os atos de protesto que, em seguida, vieram a se organizar. Todo o material recolhido foi organizado em ordem cronológica para viabilizar o exame da sequência segundo a qual os gêneros envolvidos na produção de cada evento discursivo formam entre si um encadeamento aparentemente regular.

Daremos início à discussão com a retomada de algumas contribuições feitas ao campo da Comunicação Social sobre o advento da cultura midiática e o encadeamento que, nesse contexto, tornou-se possível entre as diferentes instâncias de comunicação. Em seguida, nos voltaremos ao material textual selecionado, para analisar as relações que a instância intermediária do jornal digital mantém com as esferas da TV, das redes sociais e o ambiente *off-line*, sobre os quais incidem seus comentários. Finalmente, verificaremos a possível existência de formas de hierarquia e ordenamento desde as quais as relações entre essas esferas podem estar sendo geridas.

2 A emergência da cultura midiática e o hibridismo das mídias

Uma importante observação feita pelos que se interessam por estudos comunicacionais ligados ao setor midiático diz respeito às articulações possibilitadas pelas novas tecnologias entre os diferentes meios de comunicação. Segundo pensam esses pesquisadores, essa mudança teria suscitado a tarefa de se compreender as transformações históricas responsáveis pela

substituição de um modelo de consumo essencialmente coletivo e passivo por outro mais individualizado e ativo, oportunizado pela inserção de novos equipamentos que demandam do consumidor a busca personalizada de conteúdos disponíveis nos variados dispositivos eletrônicos e digitais.

Tal leitura das atividades comunicacionais parece ter sido introduzida pela semiotista Lucia Santaella (2003, p. 52), para quem uma “cultura das mídias” teria se apresentado a partir da década de 1980 como cenário intermediário entre a velha cultura de massa e uma cultura digital, desenvolvida em decorrência da informatização das tecnologias de mídia. Para descrever esse processo de transição, a autora se refere a uma sequência de diferentes “formações culturais” desde as quais distintos níveis de uso da linguagem teriam gradativamente se constituído. Haveriam assim se formado as culturas oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital (Santaella, 2003, p. 13). Tais formações, em lugar de asfixiarem cada uma delas seu nível cronologicamente anterior, haveriam surgido de modo a se sobreporem umas às outras, passando todas, no momento de sua emergência, a se relacionarem com as já existentes no seio da cultura – “uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações” (Santaella, 2003, p. 13). Com Kerckhove, Santaella (2003, p. 80) se refere os anos 1970 como início de

um processo progressivo de convivência da televisão com o ininterrupto surgimento de novas máquinas, equipamentos e produtos midiáticos que apresentam uma lógica distinta daquela que é exibida pelos meios de massa: máquinas de xerox, a distribuição universal de máquinas de fax, videocassete, videogames, segmentação das revistas e programas de rádio para públicos específicos, TV a cabo etc., enfim, novos processos comunicacionais a que chamo de cultura das mídias.

Acredita a autora que ao final dos anos 1980 o termo “mídia” teria sido introduzido no vocabulário corrente para significar a alta transitividade e os hibridismos que se davam entre os diferentes meios de comunicação. Nesse momento, teriam as diversas mídias passado a integrar grandes conjuntos como “redes que se interligam e nas quais cada mídia particular – livro, jornal, TV, rádio, revista etc. – tem uma função que lhe é específica” (Santaella, 2003, p. 53). A vida pública estaria então submetida a um processo de reorganização de seus fluxos comunicativos e informacionais.

Dentre outros fatores, Santaella (2003, p. 79) defendeu que fosse um traço fundamental da “cultura das mídias” sua capacidade de retirar o público da passividade antes naturalizada, especialmente pela centralidade das produções de TV: “A lógica da televisão é a de uma audiência recebendo informação sem responder. O único *feedback* possível se dá através de mediações, padrões de compra e estudos de mercado”. A possibilidade da “busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar” (Santaella, 2003, p. 16) concedida pela profusão dos novos meios midiáticos introduzidos no final do século passado teria tornado possível a mobilização ativa de conteúdos produzidos em diferentes suportes, fazendo aos poucos declinar a hegemonia da cultura de massas.

3 Do encadeamento entre as instâncias midiáticas

Da destituição do privilégio dos meios massivos e da informatização de um complexo midiático multifacetado, desdobraram-se ainda outras questões, como a abertura de espaços de participação e livre expressão coletiva e a organização de uma indústria comunicacional em que diferentes níveis de mídia mantêm entre si tipos especiais de inter-relação. Esse processo de imbricação dos extratos midiáticos foi comentado pelo jornalista gaúcho Alex Primo em uma época em que a produção de *blogs* se avultava, oferecendo-se como categoria que a um só tempo respondia e alimentava os meios massivos.

Veja-se por exemplo os blogs de reconhecidos articulistas em grandes portais jornalísticos. Os canais de TV aberta, por sua vez, aprenderam como utilizar sites, fóruns e salas de bate-papo para manter a atenção de seus espectadores/consumidores. (Primo, 2008, p. 5)

Os [blogueiros] entrevistados informaram relatar notícias recebidas alhures quando têm algo a comentar ou criticar. Ou seja, reverberam e debatem informações da mídia de massa e de nicho, que não oferecem espaços conversacionais. A relação inversa também é verdadeira. Veículos de massa e de nicho hoje prestam atenção em blogs para se pautar. A coluna “Toda Mídia” da Folha de São Paulo, por exemplo, relata o que vem sendo discutido na blogosfera. A blogueira Eva, entrevistada nesta pesquisa, lembrou que os veículos tradicionais acompanharam a cobertura que os blogs deram à polêmica publicação do vídeo da modelo Daniela Cicarelli no YouTube (Primo, 2008, p. 12).

No âmbito dos estudos discursivos, as pesquisas que se aplicam à análise das articulações existentes entre gêneros de discurso parecem se ajustar ao propósito de se investigar os aspectos linguístico-discursivos envolvidos na atividade comunicativa que interliga as diferentes instâncias midiáticas. Seja nos desdobramentos da sociorretórica do estadunidense John Swales (1990, 2004), seja nas derivações provenientes das pesquisas conduzidas por Norman Fairclough (2001), tais estudos têm por hábito privilegiar a premissa bakhtiniana do dialogismo como princípio geral da linguagem. Aplicam esse princípio, todavia, de modo a considerá-lo no contexto das relações em que se conjugam os diferentes gêneros de discurso. Seu argumento central vai no sentido de que a atividade languageira se distribui em variados gêneros que, a despeito de sua organização própria, operam associadamente⁵.

No contexto do qual ora nos ocupamos, interessa-nos aproveitar o que veio a ser chamado por John Swales de *cadeia de gêneros* (cadeia intertextual, nos termos de Fairclough) para conceder um tratamento discursivo à inter-relação entre instâncias midiáticas que, na linguagem de Alex Primo, restou identificada com a noção de *encadeamento midiático*. Operando essa

⁵ De certo modo, pode-se dizer que essa consideração às relações existentes entre diferentes gêneros de discurso tenha sido possibilitada pela introdução da noção de intertextualidade, oferecida por Julia Kristeva (2005, p. 71) aos estudos discursivos para indicar a necessidade de se conceber um caminho adequado ao estudo das ligações que todo texto invariavelmente possui com outros com os quais se comunica.

articulação conceitual, acreditamos poder avançar na consideração linguística à inter-relação das mídias que já em Primo se insinuava:

Esta interpenetração entre os níveis de massa, de nicho e micromídia será aqui chamada de “encadeamento midiático”. Através deste fenômeno é possível também observar uma *intertextualidade* entre os veículos dos diferentes níveis midiáticos. (Primo, 2008, p. 6, grifo nosso)

Na perspectiva de Swales, considerou-se importante destacar as regularidades que gerem os conjuntos de gêneros organizados em cadeia, o que garante certa previsibilidade na passagem de um gênero a outro (Nobre; Biasi-Rodrigues, 2012, p. 217). Além de se admitir a propensão que os gêneros possuem a responder aos que com eles mantêm relações habituais, cogitou-se dividir as diferentes cadeias em dois grandes grupos: (1) as que se organizam formalmente no interior de ambientes institucionais específicos, e (2) as que, de forma espontânea, coordenam gêneros de domínios institucionais distintos. Dois exemplos oferecidos por Norman Fairclough na obra *Discurso e Mudança Social* podem nos ajudar a ilustrar a diferença entre os dois modelos de encadeamento:

As cadeias intertextuais podem constituir relações transformacionais relativamente estabelecidas entre tipos de texto (como na relação entre consulta médica e registros médicos, ou as rotinas para transformar reportagens em artigos de jornal). (Fairclough, 2001, p. 169)

Um discurso importante do presidente Gorbachev será transformado em textos da mídia de vários tipos em cada país do mundo, em reportagens, análises e comentários por diplomatas, em livros e artigos acadêmicos, em outros discursos que o parafraseiam, o elaboram, respondem a ele e assim por diante. (Fairclough, 2001, p. 167)

As descrições acima recuperadas correspondem às cadeias admitidas na tipologia de Swales como simples e complexas, uma nomenclatura que, em nossa opinião, parece não sinalizar de modo suficiente o critério da diversidade institucional com o qual deveriam ser distinguidos os diferentes tipos de encadeamento⁶. Por outro lado, acreditamos que a indicação de um contraste a separar cadeias que poderiam ser classificadas como *híbridas* ou *não-híbridas* talvez contribuisse para uma caracterização mais efetiva desses dois grupos que, nos exemplos acima, representamos.

Outro importante fator na compreensão de Swales sobre o funcionamento das cadeias de gênero é a cronologia em que os textos encadeados se comunicam, configurando uma sequencialidade própria à sua rede intertextual. De nossa parte, pensamos ser mais constante a ordem em que os gêneros se distribuem em uma cadeia do que o intervalo de tempo que efetivamente os separa.

⁶ A essa altura, avançamos com o uso intercambiado das expressões “cadeia” e “encadeamento” para fortalecer a articulação que antes propomos entre as noções de *cadeia de gêneros* e *encadeamento midiático*.

Dois exemplos extraídos da experiência comum poderiam bem demonstrar essa diferença entre sequência e disposição intervalar em uma cadeia de gêneros. O primeiro diz respeito à sucessão de textos e interlocuções envolvidos no processo de publicação de um artigo em um periódico científico, que costumam seguir uma ordem relativamente fixa, enquanto o prazo implicado na aceitação e divulgação do material remetido à revista pode variar de poucos meses a alguns anos. No segundo, temos o espaço de tempo compreendido entre o atendimento na recepção de uma clínica e a posterior consulta com o médico especialista, que é certamente mais variável que a própria sequência em que esses gêneros se organizam. Entre o atendimento e a consulta, de poucos minutos a algumas horas. Mas sempre o atendimento primeiro, a consulta depois.

Apesar da prevalência da ordem sequencial sobre a estrutura temporal das cadeias, o contato com nosso objeto de pesquisa nos levou à percepção de que o ritmo de comunicação entre as instâncias midiáticas envolvidas no encadeamento pelo qual nos interessamos é especialmente acelerado e, segundo nos parece, consideravelmente regular. É provável que o ritmo que se imprime no circuito aqui analisado deva a velocidade de seu passo ao critério da atualidade com que as notícias devem circular. Em ambos os casos, as cadeias chegam a seu termo em um espaço de aproximadamente quatro dias, o que percebemos como um ritmo consideravelmente apressado, dado o trabalho necessário às instâncias envolvidas para produzirem seu conteúdo na linha sucessiva em que se combinam. Além disso, as produções textuais que compõem os encadeamentos guardam entre si o pequeno intervalo de aproximadamente um dia, o que ainda mais evidencia o frenesi com que os circuitos se desenvolvem. Com maior probabilidade, o pulso espontâneo e imediato da rede social é o que em maior medida contribui para marcar a rápida velocidade com que os gêneros se cadenciam nessas redes comunicacionais. Por essas razões, preservaremos como um objetivo acessório neste trabalho a descrição da forma como a evolução de nosso encadeamento transcorre no tempo, em que pese as considerações anteriores sobre a alta variabilidade dos intervalos temporais nas cadeias de gênero.

Finalmente, serão ainda de nosso interesse as modalidades intertextuais com as quais os gêneros de nossa cadeia se vinculam em sua ordem sequencial, já que as estratégias de recuperação enunciativa são habitualmente tomadas como um componente definidor não apenas do funcionamento genérico, como também da operacionalidade com a qual as cadeias de gênero alcançam sua estabilidade.

Gêneros particulares são associados com 'modos de intertextualidade' (manifesta) particulares. Por exemplo, a frequência, os modos e as funções de representação do discurso são bastante diferentes em uma reportagem do noticiário, em uma conversa ou em um artigo científico. [...] não se espera que um relato literal de uma conversa ou mesmo de um tribunal seja necessariamente perfeito em palavras, enquanto uma citação de um artigo científico em um outro deveria ser. Ou ainda, enquanto as representações da fala de outros numa conversa frequentemente tentam capturar aspectos do estilo, no qual as coisas foram ditas, isso é raramente assim nas reportagens do noticiário. Em termos mais gerais, a extensão em que outros textos figuram em um texto depende do gênero, assim como ocorre com as formas de intertextualidade manifesta que são usadas e com os modos nos quais outros textos funcionam dentro de um texto. (Fairclough, 2001, p. 164-165)

No segmento abaixo, Nobre e Biasi-Rodrigues (2012, p. 214) ressaltam a especificidade que a noção de dialogismo toma quando aplicada ao funcionamento das cadeias de gênero, que operam a relação entre um conjunto de gêneros dando preferência a modalidades intertextuais particulares.

Nas cadeias de gêneros – uma forma específica de relação dialógica –, as relações que se estabelecem entre os gêneros que as constituem são tomadas como dadas antes mesmo de sua real produção (materialização textual), diferentemente do dialogismo que, embora constitutivo da linguagem, nos põe diante de uma infinidade de possibilidades que nos leva a generalizações um tanto vagas e imprecisas quanto ao vínculo que determinados gêneros têm entre si. Em suma, a concepção de cadeia dá conta das relações preestabelecidas entre determinados gêneros discursivos, de modo que sua realização textual ratifica esse estado de predisposição; ao passo que a concepção dialógica dos enunciados dá conta das potenciais (e portanto imprevisíveis) relações que textos específicos possam manter, de modo que é preciso verificar cada exemplo em sua singularidade na materialização textual.

Para examinar as estratégias de recuperação textual, privilegiaremos o que eventualmente veio a ser nomeado como *representação do discurso*, ainda que por enquanto não se lhe tenha concedido, até onde sabemos, tanta ênfase na reflexão teórica. O debate em torno da representação discursiva está ligado à necessidade de se avançar nas investigações sobre o princípio dialógico.

De Montaigne a Benveniste passando por Bakhtin, ainda não terminamos de descobrir que a fala pressupõe uma pessoa a quem não apenas se dirige, mas que é constitutiva dela. [...] Partindo da ideia de que há necessariamente [ou “de que há pelo menos”, segundo nos parece mais conveniente dizer] dois personagens de discurso, de estatutos diferentes, observados de alguma forma de fora, outro passo a dar é o de se estudar a apreensão que eles têm um do outro. Assim, diversas obras de diversas origens se empenham em identificar o modo como o locutor apreende a pessoa do outro no diálogo. (Spinola, 2000, p. 9, tradução nossa)

Admitindo-se, assim, que os enunciados respondem e se antecipam uns aos outros, foi também preciso reconhecer que “todo discurso comporta uma parte de representação daquele que precede” (Spinola, 2000, p. 13, tradução nossa).

Já no trabalho de Norman Fairclough, enfatiza-se o uso da expressão “representação de discurso” em substituição à terminologia “discurso relatado”, utilizado na análise linguística para se referir ao modo como um texto pode se reportar a outro.

Uso o termo ‘representação de discurso’ em lugar do termo tradicional ‘discurso relatado’ porque (1) ele capta melhor a ideia de que, quando se ‘relata’ o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro; e (2) o que está representado não é apenas a fala, mas também a escrita, e não somente seus aspectos gramaticais, mas também sua organização discursiva, assim como vários outros aspectos do evento discursivo – suas circunstâncias, o tom no qual as coisas foram ditas, etc. (Fairclough, 2001, p. 153)

Para nós, será mais conveniente nos referirmos à representação do discurso na acepção genérica que Spinola atribui à noção de “retomada”, antes sugerida por Robert Vion (1992, p. 2015 apud Spinola, 2000, p. 11) com o objetivo exclusivo de indicar a citação direta de um texto. A autora, mesmo reconhecendo sua estreita conexão com o que normalmente se entende por discurso relatado, preferiu assegurar ao termo um sentido mais dilatado: “Parece-nos mais adequado [...] alargar a noção geral de retomada: no que se segue, falaremos, pois, de vários tipos de retomadas como, por exemplo, a de um tema ou a de um ponto de vista subjacente ao discurso” (Spinola, 2000, p. 12, tradução nossa). Não estando, assim, limitados à análise da mecânica intertextual das citações, pretendemos garantir maior mobilidade na descrição da forma como cada gênero pode se ligar a um ou vários outros, organizando redes intertextuais de funcionamento relativamente estável.

4 Análise comparativa dos episódios

Concluída a discussão teórica, damos início agora à análise comparativa dos casos, considerando inicialmente o aspecto cronológico envolvido nos eventos para, em seguida, comentar as estratégias de representação discursiva utilizadas nos gêneros que articulam a cadeia híbrida aqui examinada.

4.1. Da cronologia dos eventos

Como já havíamos adiantado, será importante para nós considerar o espaço de tempo a separar as comunicações efetuadas por cada um dos gêneros que integram o encadeamento midiático objeto deste trabalho. Isso porque parece ser uma característica geral de seu funcionamento que a sequência de respostas produzidas na cadeia se realize em um ritmo particularmente acelerado e regular. Tomaremos então essa especificidade como um dos critérios por meio dos quais se poderá cogitar a existência de uma estabilidade no circuito textual que aqui analisamos.

Sendo este o caso, caberia então fazer uma separação inicial entre *sequência* e *cronologia* que parece não ter sido uma questão importante nas investigações de Swales sobre as cadeias de gêneros. No que se refere à aludida distinção, não há maiores dificuldades em se precisar que a ideia de sequência (temporal) estaria identificada à indicação de um dado conjunto de elementos que, no tempo, se apresentam organizados segundo uma ordem específica. Ao se falar em cronologia, por outro lado, seria preciso acrescentar que essa ordem deve ser registrada com o auxílio de certos índices de medida temporal (segundo, hora, dia, ano etc.). Nesse passo, uma coisa seria, por exemplo, descrever a série na qual se organizam os gêneros que juntos levam à apresentação de uma comunicação oral em congresso: (1) chamada para o evento, (2) envio de resumo, (3) carta de aceitação, (4) apresentação do trabalho; outra, em contraste, seria apontar o momento preciso em que os textos da cadeia vieram se juntar à sequência, o que adicionalmente permitiria ao investigador representar a estrutura temporal específica em que o encadeamento analisado pôde enfim se atualizar: chamada para o evento (21/09/22), envio de resumo (03/10/22), carta de aceitação (26/11/22), apresentação do trabalho (22/11/22).

Ainda no mesmo exemplo, se poderia dizer que o circuito cuja rede textual que termina com a apresentação do trabalho científico não tem por regra concluir-se em um período de tempo inferior a um mês. Por outro lado, não costuma exceder o limite de um ano. E o espaço entre as comunicações efetuadas ao longo de sua cadeia corresponde a intervalos aproximadamente mensais, mas, às vezes, menores. Diferentemente, os gêneros produzidos durante uma visita a um clínico especialista (atendimento com recepcionista, consulta médica, prescrição), seguem um padrão temporal seguramente muito mais exíguo.

Pode-se assim dizer que, em alguns casos, não apenas a ordem dos textos se configura como um traço distintivo de uma cadeia de gêneros, mas também a forma como os textos se situam e se separam uns dos outros ao longo do tempo, conferindo à cadeia uma estrutura temporal particular.

Isto posto, será agora importante que indiquemos os marcos temporais que registram a articulação de nossa cadeia de gêneros, desejando assim sustentar que a consistência de sua organização temporal é também um elemento que confirma a estabilidade de seu funcionamento. Nos dois casos examinados, retrataremos a sequência dos gêneros implicados no encadeamento, começando pela transmissão televisiva, passando pela informação de sua repercussão nas redes, e concluindo com a comunicação de seus efeitos nas ruas, o que faz de nosso encadeamento uma cadeia de tipo híbrida, como antes indicamos, dada a variedade institucional que a caracteriza.

Inicialmente, indicaremos ao leitor os links por meio dos quais se pode recuperar os conteúdos televisivos e digitais que compõem o conjunto documental aqui reunido. Os endereços digitais foram organizados segundo a ordem de seu aparecimento nos veículos de comunicação.

Tabela 1 – Caso Zé Pelintra

Conteúdo recuperado	Link de acesso
Debate televisivo	https://www.youtube.com/watch?v=Gtb7xolcTUU (comentário do candidato Marcelo Crivella aos 21:44 min)
Notícias da repercussão na internet	https://br.noticias.yahoo.com/debate-globo-prefeitura-rio-crivella-fala-em-chapeu-de-ze-pilinha-e-web-acusa-de-preconceito-e-intolerancia-religiosa-024357984.html https://odia.ig.com.br/eleicoes/2020/11/6036398-chapeuzinho-ze-pilinha-fala-de-crivella-e-criticada-na-internet.html
Notícias dos efeitos nas ruas	https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/eleitores-do-rio-usam-chapeu-de-ze-pilinha-contrario-crivella/ https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/30/apos-crivella-ironizar-chapeuzinho-de-ze-pilinha-acessorio-e-adotado-por-eleitores-e-aliados-de-paes.ghtml

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Caso *impeachment* Bolsonaro

Conteúdo recuperado	Link de acesso
Reportagens na TV	https://www.youtube.com/watch?v=9IJMPU9R9TY https://www.youtube.com/watch?v=CAw2wCns7x8
Notícias da repercussão na internet	https://www.redebrasilatual.com.br/politica/cresce-mobilizacao-nas-redes-sociais-por-impeachment-urgente-de-bolsonaro/ https://www.cartacapital.com.br/politica/em-24h-pedidos-de-impeachment-cresceram-432-nas-redes-sociais/
Notícias dos efeitos nas ruas	https://www.campograndenews.com.br/politica/carreata-na-afonso-pena-pede-vacina-ja-e-fora-bolsonaro https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/01/17/carreata-em-bh-neste-domingo-pede-impeachment-de-jair-bolsonaro.ghtml

Fonte: Elaboração própria

Em seguida, exibimos a disposição cronológica das notícias em cada um dos casos.

Tabela 3 – Caso Zé Pelintra

Debate televisivo	27/11/2020, às 22 h
Notícias repercussão na internet	27/11/2020, depois das 22 h 28/11/2020, às 8:49 h
Notícias dos efeitos nas ruas	29/11/2020, às 13:07 h 30/11/2020, às 5:01 h

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4 – Caso *impeachment* Bolsonaro

Reportagens de TV	14/01/2021, às 17:55 h 14/01/2021, às 19:31 h
Notícias repercussão na internet	15/01/2021, às 14:33 h 15/01/2021, às 21:08 h
Notícias dos efeitos nas ruas	17/01/2021, às 11:36 h 17/01/2021, às 12:15 h

Fonte: Elaboração própria

A proximidade entre os eventos comunicativos e a semelhança entre os dois episódios sugere que essa forma de encadeamento se organiza pela associação de gêneros discursivos coordenados por intervalos de um ou dois dias. Não apenas a ordem em que as esferas de

comunicação aparecem dispostas na cadeia – (1) TV, (2) rede social, (3) jornal, (4) via pública – como também o ritmo em que, nesses casos, se articulam suas textualidades parece indicar que, em certas ocasiões – momentos de clímax do debate político, aparentemente –, essas diferentes instâncias se afetam reciprocamente de modo a consolidar um encadeamento de caráter notadamente regular, o que talvez lhe confira certo grau de previsibilidade.

4.2 Das estratégias de representação discursiva

Já assinalamos que a sequência de gêneros desenvolvida em cada um dos episódios considerados toma impulso nos conteúdos difundidos pelas redes de televisão. Não será difícil para o leitor disso se convencer no caso da disputa entre Crivella e Paes, uma vez que os textos circulantes nas redes sociais e nos jornais digitais reverberam um debate produzido e veiculado por uma única emissora de TV. No caso da crise em Manaus, todavia, não nos vemos em condições de excluir a possibilidade de que os comentários dos internautas tenham sido provocados pela propagação inicial do fato em outras mídias que não a televisão. Podemos, no entanto, garantir que o assunto foi ao ar nos noticiários televisivos antes de ser repercutido na *web* e subsequentemente retomado nos jornais *on-line*, o que as datas e horários do material que reunimos para análise nos permitem confirmar.

Se consideramos o já mencionado processo histórico por meio do qual a centralidade das produções de TV veio a ser substituída por um cenário onde variados setores comunicacionais passaram a funcionar de forma sobreposta, poder-se-ia sugerir que essa função propulsora da televisão na coordenação dos complexos midiáticos estaria alinhada com a redução gradual de seu *status* em face à sucessiva emergência de novas formações culturais. Desse ângulo, não estando mais a TV no lugar de privilégio que antes lhe conferia um protagonismo quase isolado na esfera comunicacional, pode ter se tornado necessária a divisão do seu trabalho com outras instâncias que, nada obstante, lhe teriam ainda conservado um relativo destaque⁷. Se é assim, talvez se possa dizer que a prerrogativa hoje concedida à TV de acionar a engrenagem de um complexo encadeamento midiático está provavelmente ligada à existência na memória coletiva de resíduos de sua particular evidência durante o predomínio da cultura de massas.

Finalmente, se assumimos a tese de que, no encadeamento examinado, a TV ocupa uma posição de precedência, caberá então avaliar a modalidade de resposta por meio da qual os demais gêneros se combinam no funcionamento dessa rede textual.

Na sequência em que os gêneros se organizam em nossa cadeia híbrida, as primeiras retomadas do conteúdo televisivo aparecem no ambiente das redes sociais. São produzidas depois de um curto espaço de tempo, sobrevivendo como uma reação quase imediata expressa no calor dos acontecimentos. Em ambos os casos selecionados para este estudo, os noticiários evidenciaram a rede do Twitter como sendo o ambiente digital em que o conteúdo televisivo teria provocado maior repercussão. Por terem sido algumas das postagens integralmente replicadas no próprio corpo das matérias jornalísticas, disponibilizando-se ainda o *hiperlink*

⁷ Do ponto de vista de seu funcionamento genérico, talvez se pudesse dizer que os programas de TV, no circuito que ora examinamos, adquiriram o estatuto de *gênero irradiador*, categoria concebida por Maingueneau (2010, p. 105) para descrever os gêneros que têm “a capacidade de ativar a produção verbal de outros gêneros, de fazer falar dele, como ocorre hoje com os filmes, os vídeos na internet ou os programas de tevê”.

de acesso a sua localização na rede do Twitter, foi possível para nós acedê-las diretamente em seu ambiente original de produção e difusão.

4.2.1 Da representação discursiva nas redes

4.2.1.1 Caso Zé Pelintra

As respostas produzidas nos Tweets do caso Zé Pelintra, dividiremos em duas categorias de análise que assim classificamos: *crítica-informativa* (ou relato seguido de crítica) e *sátira*.

As críticas-informativas, postadas na mesma noite em que o debate eleitoral foi transmitido, são marcadas pelo cuidado que tiveram de informar o leitor sobre o comentário de Crivella para, apoiadas na informação difundida, criticarem a fala do pastor. Nesse episódio, a atualidade do acontecimento parece ter condicionado a produção de comentários mais didáticos, por não ser possível naquele momento pressupor que os leitores estivessem a par do ocorrido. Como, do ponto de vista pragmático, o ato de informar está na própria origem dos objetos discursivos sobre os quais poderão incidir eventuais críticas e comentários, admitiremos, para os fins desta análise, que o discurso relatado a informar a fala do Crivella é uma forma enunciativa que produz um objeto temático com a finalidade retórica de processá-lo criticamente. Os exemplos nesse sentido são os seguintes:

- (1) Para além da demonização falaciosa de uma festa que para além da cultura, gera emprego e renda, o Crivella ainda fez deboche com Seu Zé Pilintra. Estratégia para falar com sua massa neopetencostal. **Preconceito religioso. Racismo com as religiões afrobrasileiras.**
- (2) Crivella disse que Paes desfilava na Sapucaí com “chapeuzinho de Zé Pelintra”. O nome disso é **desqualificação, demonização, perseguição às religiões de matriz africana.**
- (3) Crivella usando o **preconceito evangélico** contra Crivella (sic) dizendo que ele usa chapéu de Zé Pilintra na Sapucaí. **Podre.**

Grifamos as seleções textuais, sinalizando as retomadas da voz de Crivella com sublinhado e marcando as qualificações críticas que sobre ela incidem com negrito. À exceção do Tweet (1), que, representando mais o tom e menos o conteúdo da fala do pastor, faz coincidir relato e crítica na predicação “fez deboche com Seu Zé Pilintra”, os Tweets (2) e (3) recorrem à aparente neutralidade do verbo ‘dizer’ para enquadrar a fala do candidato em uma estrutura informativa sobre a qual projetam algumas qualificações críticas. Desmembramos abaixo os fragmentos para um maior detalhamento dos efeitos comentados:

Estruturas informativas

Crivella *disse* que Paes desfilava na Sapucaí com “chapeuzinho de Zé Pelintra” – Tweet (2);

Crivella [...] *dizendo* que ele usa chapéu de Zé Pilintra na Sapucaí – Tweet (3);

Qualificações crítica

Preconceito religioso. Racismo com as religiões afro-brasileiras – Tweet (1);

desqualificação, demonização, perseguição às religiões de matriz africana – Tweet (2); preconceito evangélico. Podre – Tweet (3).

Os Tweets que incluímos na categoria *sátira* tiveram seu conteúdo postado no dia seguinte ao debate televisionado. Dado o fluxo de comentários que nas redes sociais se produzia desde o dia anterior, as novas postagens puderam nesse momento presumir a polêmica em torno da fala de Crivella como já conhecida. No plano enunciativo, essa implicitude está ligada ao fato de que as novas investidas contra o comentário do pastor puderam prescindir de sua prévia representação informativa.

De outro lado, as sátiras acrescentaram à discussão um ingrediente de humor que parece ter sinalizado a boa recepção e ampla difusão das provocações anteriores. Segundo cremos, a posição adversária à opinião de Crivella teria se visto em circunstância mais confortável quando diminuída a tensão inicial após o êxito das críticas-informativas. Por isso, talvez, os antagonistas do pastor tenham se valido de uma estratégia retórica menos hostil – ainda que igualmente combativa –, que, ao mesmo tempo, fê-los projetar o perfil de um enunciatador mais confiante.

O enquadramento humorístico dos novos Tweets foi inicialmente sinalizado nas matérias jornalísticas com a indicação das postagens de dois comediantes: Marcelo Adnet, que havia publicado um vídeo fazendo a imitação de Crivella e reproduzindo seu comentário sobre o “chapéu de Zé Pelintra”; e Yuri Marçal, com seu Tweet “Só queria uma aglomeração com meu Chapeuzinho de Zé Pilintra”.

Tendo-se ultrapassado os momentos da crítica informativa e das primeiras apreciações humorísticas do episódio, quando a comunidade adversária do candidato adquiria maior confiança, uma última etapa das repercussões nas redes consistiu na produção de enunciados que, ainda na linguagem do humor, quiseram, em relação ao próprio grupo dos enunciadores e leitores críticos, endereçar um convite à ação política, convocando-os a comparecer às urnas com o chapéu panamá de Zé Pelintra. A chamada militante se realizou com a parodização da estrutura enunciativa de *slogans* publicitários:

- (4) Coloque seu ‘chapeuzinho Zé Pilintra’ e vote certo. (Tweet)
- (5) Que tal votar “protegido” e cheio de estilo? A gente garante que vai dar aquela mídia!
(Post Instagram)

Ambas as postagens, uma no Twitter e a outra no Instagram, foram publicadas em perfis de Escolas de Samba da cidade do Rio, que aproveitaram para divulgar os chapéus com o nome da Escola. Nota-se nos dois textos a retomada do objeto produzido por ocasião das críticas-informativas, que agora aparece destacado em aspas simples e duplas. Na postagem do Instagram, como se vê, a retomada se dá por remissão ao campo semântico gerado pelo objeto, e não por sua citação direta – por isso, o uso em aspas de “protegido” ao invés de “chapeuzinho Zé Pilintra”.

4.2.1.2 Caso *impeachment* Bolsonaro

Se no primeiro caso observamos uma sequência de postagens que evoluíram da crítica-informativa à convocação militante, no episódio das manifestações pelo *impeachment* do presi-

dente Bolsonaro, tem-se a impressão de que os textos nas redes se apresentaram já de início na forma de um apelo à ação. Entretanto, somos levados a crer que essa uniformidade é um fenômeno apenas aparente. Isso porque, considerada a atividade intertextual em curso no interior de um intervalo temporal algo maior, seria preciso acrescentar o fato de que a imagem do presidente há longo tempo vinha sendo desgastada – especialmente no interior de sua comunidade opositora – em razão das estratégias por ele adotadas no enfrentamento da pandemia de covid-19.

Nesse sentido, a crise em Manaus parece ter sido recortada pelos grupos de oposição ao governo federal como clímax de uma política de saúde abertamente nefasta e há vários meses arrastada. Por essa razão, nos parece, a repercussão das redes, guardando a memória dos eventos anteriores e seus indesejáveis efeitos, pôde de imediato eclodir em palavras de ordem que pediam o afastamento do chefe de Estado.

No teor das postagens, que pressupõem um crescendo de episódios acumulados, as manifestações de protesto aparecem endereçadas ao então presidente da Câmara, Rodrigo Maia, que, na ritualidade do *impeachment*, é o agente autorizado a receber e encaminhar o pedido de afastamento. De um lado, o marco temporal das enunciações se faz indicar pela inserção de índices textuais que implicitamente admitem a existência de ocorrências anteriores (“tá faltando o que?”, “O que mais você precisa, [...] quantos mais precisam morrer?”); de outro, a conversão das reivindicações em provocações diretamente endereçadas ao presidente da Câmara vai inscrever na linguagem algo como um ponto de tensão onde pôde se concentrar a energia que, durante a evolução do embate, vinha já se acumulando. De forma ainda mais evidente, a formulação de frases exclamativas e o acréscimo em *hashtag* da palavra “urgente” também sinalizam o alto nível de tensão que se fez projetar no episódio.

- (6) As pessoas estão se mobilizando pra resolver um problema de estado! @RodrigoMaia, *tá faltando o que?* **#ImpeachmentBolsonaroUrgente**
- (7) *O que mais você precisa*, @RodrigoMaia *quantos mais precisam morrer?* Impeachment já!
- (8) Avisem o Maia que o congresso pode voltar a trabalhar no sábado, não precisa esperar a próxima semana
- (9) @RodrigoMaia, Pode ser depois do café. Coragem! **#ImpeachmentBolsonaroUrgente**
- (10) O Brasil precisa voltar a respirar. **#ImpeachmentBolsonaroUrgente**
- (11) A maior urgência de todas está em jogo: a vida das(os) brasileiras(os)!!! **#ImpeachmentBolsonaroUrgente**
- (12) Cade o impeachment do presidente da república incapaz de cuidar do seu povo? **CHEGA DESSE PESADELO** @RodrigoMaia

Nos Tweets acima, utilizamos itálico nos fragmentos que pressupõem a existência prévia de episódios semelhantes, o sublinhado para sinalizar o endereçamento das postagens ao presidente da Câmara – o que adicionalmente denota a concentração de energia envolvida no evento, como antes sugerimos –, e o negrito para realçar a fórmula por meio da qual as palavras de ordem, neste caso, vieram a ser traduzidas em *hashtag* (**#ImpeachmentBolsonaroUrgente**), que é um dispositivo linguístico típico das plataformas virtuais.

4.2.2 Da representação nos jornais digitais

A instância que, em nossa cadeia de gêneros, segue imediatamente ao domínio da *web* são os jornais digitais. Uma vez refletido nas redes sociais o conteúdo transmitido pelas emissoras de televisão, os noticiários *on-line* são o espaço em que esse material é mais uma vez reverberado. O objeto de suas publicações parece ser um trabalho de transcrição comentada da repercussão da TV nas comunidades virtuais.

Sobre a orientação comunicacional na esfera jornalística, não se costuma contestar que a habitualidade nesse domínio seja recorrer a instrumentos linguísticos que produzam no texto um efeito de isenção ou imparcialidade. Desse ponto de vista, o estatuto de fala do jornalista impõe aos profissionais desse ramo que se mantenham continuamente afastados da posição enunciativa que pretendem apenas veicular. Há, naturalmente, a opinião de que a neutralidade típica da enunciação jornalística seja apenas aparente e a direção política pela qual ela se orienta seja, na prática, dissimulada pelo próprio conteúdo publicizado: “Pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (Fairclough, 2001, p. 144).

Sem objetar, consentiríamos com o fato de que a inscrição política dos textos e das enunciações seja um fenômeno próprio ao funcionamento discursivo, já que as produções textuais estão sempre condicionadas a sistemas interativos organizados na superfície de uma formação social historicamente situada e politicamente distensa. Por outro lado, entendemos que a consideração da esfera jornalística como dispositivo ideológico atuando em benefício de um campo político supostamente hegemônico pode resultar em conclusões bastante imprecisas. Especialmente porque o tensionamento das forças em um campo democrático resulta de uma intensa e constante disputa por influência, e a identificação deste ou daquele grupo como força ideológica prevalente frequentemente se oferece como instrumento retórico em favor da própria posição que assim argumenta.

Em todo caso, para nos cingirmos à finalidade deste trabalho, dispensaremos a necessária elaboração histórica que nos concederia avançar na análise da imprensa como suposto dispositivo político-governamental, para, em lugar disso, considerar tão somente que a orientação comunicacional informativa pode ser tomada como um traço fundamental do discurso jornalístico. A isso, porém, acrescentaríamos que, se a participação dos periódicos na cadeia híbrida de gêneros eventualmente resulta na produção de efeitos políticos-discursivos – o que nos parece seguro afirmar –, os projetos ideológicos que à sua atividade dão suporte se insinuam no texto de forma frequentemente ambígua, sendo em muitos casos difícil apontar de forma mais decisiva o posicionamento assumido nos noticiários.

Do ponto de vista do contato com o material linguístico, concentraremos nossa análise no exame das manchetes que encabeçam as páginas das notícias selecionadas, servindo-nos, quando necessário, do texto produzido no primeiro parágrafo das matérias, onde o jornalista tem por hábito condensar seu conteúdo para oferecer ao leitor um resumo antecipado do que ao longo do texto se compreenderá em maior detalhe.

4.2.2.1 Caso Zé Pelintra

De início, desejaríamos destacar os verbos (ou formas verbais nominalizadas) utilizados nas manchetes dos noticiários para representar a enunciação de Crivella e seu posterior processamento nas redes sociais.

- (13) Crivella **fala** em ‘chapéu de Zé Pilintra’ e web acusa de preconceito e intolerância religiosa.
- (14) ‘Chapeuzinho Zé Pilintra’: **fala** de Crivella é criticada na internet.

Em negrito, o verbo *dicendi* “falar”, de uso essencialmente neutro, e sua forma nominalizada no sintagma “fala de Crivella” operam em discurso relatado uma retomada inicial da referência feita pelo candidato ao chapéu de Zé Pelintra sem lhe acrescentar qualquer tom ou contextualização avaliativa. Obedecendo a sua orientação informativa, o discurso jornalista evita, assim, precipitar-se em emitir julgamentos na construção da manchete. Por essa via, a enunciação de Crivella é apresentada como simples pronunciamento, transferindo-se a função avaliativa a outro ponto de vista, que é também recuperado no noticiário. A outra posição, genericamente identificada sob os nomes “web” e “internet” tem seu juízo de opinião representado nos verbos “acusar” e “criticar”, que, por outro lado, pressupõem um antagonismo às manifestações do pastor.

Vejamos agora como cada uma das notícias evolui a construção de seu posicionamento ao longo do primeiro parágrafo que introduz as matérias.

- (15) O atual prefeito Marcelo Crivella (Republicanos) **fez ataques preconceituosos** ao tentar ofender Eduardo Paes (DEM) dizendo que seu adversário usa “chapéuzinho de Zé Pilintra” durante os desfiles do Carnaval do Rio de Janeiro. (primeiro parágrafo)
- (16) A internet se mobilizou, ontem, para criticar **fala considerada intolerância religiosa** do atual prefeito e candidato à reeleição, Marcelo Crivella (Republicanos), durante debate da TV Globo. (primeiro parágrafo)

Perceba-se que, na Notícia em (13) e (15), a crítica antes assimilada à voz da “web” é agora assumida pelo próprio enunciador jornalista⁸, que, retomando o objeto recortado nas redes sociais (“chapeuzinho de Zé Pilintra”), representa-o nesse primeiro parágrafo como um ataque preconceituoso desferido pelo candidato Marcelo Crivella. O desenvolvimento da enunciação se dá, assim, pela pronta adesão do jornal ao ponto de vista atribuído à “web”. Com essa manobra, o enunciador jornalista passa a fazer coro com a posição difundida nas redes, modalizando epistemicamente⁹ a manifestação dos internautas ao reconhecer como legítimas suas representações do conteúdo televisivo.

Nesse sentido, sugeriríamos que o periódico, ao abandonar no corpo do texto o tom isento da manchete, pôde manifestar sua posição por um procedimento em que o discurso relatado da *web* veio a ser convertido em uma asserção direta proferida na voz do próprio jornal. Algo como se a simples retomada do ponto de vista dos internautas autorizasse a presun-

⁸ Tomamos aqui a noção de enunciador, referindo-nos à instância que assume a responsabilidade pela enunciação, nela organizando, além de sua voz direta, diferentes pontos de vista aos quais às vezes se assimila ou dos quais, eventualmente, se afasta. Acreditamos assim construir alguma correspondência com a figura que, para Ducrot (1987, p. 180-183), exerce na enunciação a função de locutor (L), não se confundindo com seu autor efetivo nem com as posições que nela são eventualmente recuperadas.

⁹ Reproduzimos aqui uma estratégia de análise sugerida por Erivaldo Nascimento (2006, p 75-78), que combina as noções de modalização discursiva e polifonia para indicar a forma como na notícia jornalística o enunciador modaliza as vozes relatadas, adotando em relação a elas posturas que oscilam entre o comprometimento e o distanciamento.

ção de sua verdade, pelo que, com o trabalho de conversão, o enunciador jornalista lograsse imprimir seu posicionamento sem abrir mão de sua função informativa. Conferindo maior responsabilidade à voz da *web*, que no topo da matéria é relatada, o jornalista sustenta sua perspectiva como quem apenas repete o que de antemão já se sabe.

A Notícia repartida em (14) e (16), em compensação, parece preservar um maior afastamento em relação à opinião veiculada na *internet*. De um lado, porque a forma nominalizada do verbo falar em “*fala de Crivella*” menciona o comentário do pastor sem diretamente narrá-lo, como seria feito caso a estratégia da repercussão fosse o discurso relatado, que se arroga o estatuto de testemunha ou representante da voz que ele mesmo se autoriza a informar. De outro, porque a fonte da crítica endereçada ao candidato é submetida a um efeito de apagamento com o emprego de uma voz passiva (“fala de Crivella é criticada na internet”) que é omissa na indicação de seu agente (por quem?). Repetimos a seguir o conteúdo integral da manchete para melhor ilustrar o argumento: ‘*Chapeuzinho Zé Pilintra*’: *fala de Crivella é criticada na internet*.

Acrescentaríamos ainda o fato de que a segmentação da notícia em título e subtítulo, separando o objeto discursivo ‘Chapeuzinho Zé Pilintra’ do autor a ele associado nas redes (Marcelo Crivella) contribui para o enfraquecimento da associação – de outra forma, evidente – entre o candidato e a citação. Assim, parece-nos razoável supor que o rompimento da continuidade sintática entre a expressão e sua fonte enunciativa favorece a suspensão de uma leitura avaliativa do sintagma. Especialmente nesse caso, em que a expressão “chapéu de Zé Pilintra” aparece destacada da fala global do pastor, que, no debate televisivo, associa o objeto a Eduardo Paes e ao carnaval.

Também no primeiro parágrafo da notícia, o enunciador jornalista de outras formas se distancia do ataque dirigido ao comentário do candidato. De um lado, identifica o agente da crítica introduzindo um sujeito ativo na enunciação: “A **internet** se mobilizou, ontem, para criticar...”, e assim não se junta em coro à avaliação feita na *web*, como acontece na Notícia 1. De outro, escolhe representar a opinião difundida nas redes fazendo uso do verbo ‘considerar’, que atribui ao juízo relatado um caráter essencialmente interpretativo. Com isso, o diferencia do que, inversamente, poderia ser tomado como simples constatação. No fragmento examinado, chegou-se a seguinte estrutura, que ora repetimos: “A internet se mobilizou, ontem, para criticar fala **considerada** intolerância religiosa...”.

4.2.2.2 Caso impeachment Bolsonaro

Das manchetes que relatam o movimento das redes em torno da crise de saúde em Manaus, desejaríamos apontar três mecanismos que nas enunciações concorrem para um efeito de intensidade ou ampliação do fenômeno representado: (i) a localização da cronografia discursiva¹⁰ em um marco temporal quase simultâneo à publicação da notícia (“*Em 24h*, pedidos de impeachment...”), (ii) a citação da expressão “urgente”, utilizada na *web*, enfatizando o alto grau de energia com que a reivindicação dos internautas tinha sido encaminhada; (iii) a esco-

¹⁰ Recuperamos aqui o demarcador temporal introduzido por Maingueneau em *Novas tendências em análise do discurso*. Com esse dispositivo teórico, quis o autor traduzir no plano discursivo aquilo que, no sistema da língua, serve para representar o tempo em que o ato comunicativo se realiza. No discurso, esclarece, as definições de espaço e tempo implicadas no ato de enunciação cumprem a mesma função atribuída à dêixis no estudo da língua. Manifestam-se, porém, no nível “do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação” (Maingueneau, 1997, p. 41).

lha do verbo “crescer” para representar o ritmo acentuado em que as redes sociais haviam respondido à chegada das informações sobre a falta de oxigênio nos hospitais de Manaus. Retomamos abaixo as marcas textuais mencionadas:

(17) **Cresce** mobilização nas redes sociais por impeachment ‘urgente’ de Bolsonaro

(18) Em 24h, pedidos de impeachment **cresceram 432%** nas redes sociais

O que a utilização desses mecanismos evidencia é que os noticiários não apenas reproduzem o tom de urgência gravado no conteúdo das redes sociais, como ainda o incrementam, acrescentando-lhe outros índices de ampliação e intensidade. Se os internautas, preocupados, haviam antes se manifestado solicitando ao presidente da Câmara que finalmente encaminhasse o pedido de *impeachment* ao Senado Federal, as manchetes dos jornais parecem ter contribuído para elevar ainda mais o nível de tensão que já na *internet* se imprimia.

No primeiro parágrafo das reportagens, as notícias novamente assumem o tom crítico das redes, reafirmando a posição antes expressa pelos internautas. A primeira, avalia negativamente a postura adotada por Rodrigo Maia, representando em apostrofação sua atuação como insuficiente e limitada. A segunda, reforça o sentimento de indignação expresso nas redes, adjetivando as cenas nos hospitais como “lamentáveis”. Abaixo, os segmentos comentados:

(19) Em seus posts, internautas revelam revolta com a postura de Maia, que **se limita a** emitir “notas de repúdio” e manifestações críticas à conduta do governo frente à pandemia. (primeiro parágrafo)

(20) As **cenar lamentáveis** de pacientes com Covid asfixiando em leitos de Manaus, fizeram com que as menções ao termo “impeachment” crescessem 432% nas últimas 24 horas. (primeiro parágrafo)

Seja então pela forma como se compatibilizam com o ponto de vista da *web*, seja pela energia que acrescentam às enunciações veiculadas nas redes, as matérias publicadas nos jornais digitais parecem ter logrado incendiar o tom já inflamado dos internautas, que protestavam pelo impedimento do ex-presidente Bolsonaro.

4.2.3 Das consequências no ambiente off-line

Da cadeia de gêneros examinada neste artigo, o último espaço a receber o impulso proveniente das demais instâncias comunicacionais é o espaço público das ruas. Nessa última etapa, as produções textuais anteriores produzem desdobramentos no próprio ritual da votação nas urnas, que aqui caberá ser tomado como um dos gêneros de discurso ao longo da cadeia. É certo que estaremos em condições diferentes para uma análise das ocorrências *off-line*, já que os efeitos nesse ambiente só poderão ser acessados pela mediação de seus registros nas redes sociais e nos jornais digitais. Em todo caso, será importante para nós indicar que nosso encadeamento de gêneros produz suas consequências finais na esfera presencial.

Para adequadamente fazermos uso do material jornalístico com o qual pretendemos aceder às manifestações ocorridas nas ruas, precisaremos realizar uma aproximação de seu conteúdo com a qual nos seja possível atenuar a ação dos mecanismos que em sua dimensão

midiológica¹¹ transformam as cenas registradas em novos objetos discursivos. Para isso, concentraremos nosso interesse especialmente nas fotos veiculadas nas páginas dos noticiários, às quais, todavia, atribuiremos um estatuto particular. Às formulações textuais que as complementam, ainda que as consideremos para efeito de uma leitura geral, será reservado um valor apenas acessório.

Finalmente, acrescentamos que o efeito produzido por nossa cadeia de gêneros no espaço das ruas, e com o qual seu circuito discursivo derradeiramente se encerra, será aqui indicado pelo que as fotografias veiculadas nas matérias dos jornais digitais nos permitem supor. As fotos de pessoas nas ruas e em seus carros utilizando o chapéu Panamá de Zé Pilintra ((21), (22), (23) e (24)) ou a imagem da aglomeração de veículos nas carreatas em favor do *impeachment* do presidente Bolsonaro ((25), (26))¹² serão aqui tomadas por indícios da efetividade material desses objetos pela razão de que essas fotografias se encontram fisicamente ligadas à gênese desses acontecimentos. Sob certas condições, permitem-nos, assim, comentar a sua existência.

Não se deve, claro, desprezar o fato de que a escolha dos objetos registrados pelo repórter fotográfico e toda a aproximação técnica de sua imagem (ângulo, enquadramento, luz etc.) servem como condicionadores à leitura que deles pode ser feita. Além disso, a interpretação do conteúdo visual no noticiário é igualmente induzida pela linguagem verbal que na diagramação da página com ele se cruza para garantir à matéria jornalística o seu acabamento. Entretanto, por mais que os significados forjados na matriz semântica da visão jornalística se projetem sobre a materialidade semiótica da imagem captada, permanece na foto o resíduo renitente de outra materialidade da qual o fotógrafo não pode se esquivar completamente: a materialidade empírica do objeto físico ao qual o dispositivo técnico da máquina se associa em consequência do processo envolvido na produção fotográfica.

Apoiados então nesse raciocínio, consideraremos a materialidade (empírica) que atesta a presença das pessoas nas ruas com seus chapéus panamás ou em meio às carreatas pró-*impeachment*, para concluir que todo o movimento da cadeia híbrida que ora examinamos termina com o debate por ela introduzido sendo atualizado em práticas de ativismo conduzidas no espaço aberto do ambiente *off-line*.

Uma última palavra deve-se dizer sobre os textos e legendas que acompanham as imagens disponíveis na página do noticiário. Nesse aspecto, desejaremos aqui nos limitar a situá-los no efeito geral que produzem junto às fotos com as quais se comunicam, por não serem eles o nosso objeto de interesse principal. Assim, adotando complementarmente uma tipologia oferecida pela semiótica Regina Souza Gomes (2008, p. 72), tomaremos os textos e as legendas que se juntam as fotos na função que cumprem enquanto estratégias comunicacionais de *redundância*, se reiteram a “informação” do material visual para garantir sua coerência e enquadramento; ou *redimensionamento*, quando preenchem os silêncios da imagem para concretizar aquilo que nela está pressuposto ou sugerido.

A seguir, disponibilizamos as fotos constantes do material jornalístico selecionado, indicando abaixo das imagens suas respectivas legendas.

¹¹ Referimo-nos à inseparabilidade essencial entre o texto e seu modo material de existência, o que Maingueneau (2004, p. 68) concebe como sendo a dimensão midiológica dos enunciados.

¹² As imagens referentes ao caso Zé Pilintra estão disponíveis em Cartacapital (2020, Online) e Barreira (2020, Online). As relativas às carretas caso pró-*impeachment*, em Alves e Martini (2021, Online) e G1 Minas Gerais (2021, Online).

Caso Zé Pelintra

Imagem 1



Fonte: Carta Capital (2020, Online)

- (21) Separando meu “chapéu de Zé Pelintra” pra domingo tirar o pior prefeito que já passou pela minha cidade. Tchau, crivella! #paidamentira #foracrivella (Legenda no Twitter)

Imagem 2



Fonte: Kneipp (2020, Online)

(22) Hoje é Zé pilintra contra o Zé pilantra (Legenda no Twitter)

Imagem 3



Fonte: Kneipp (2020, Online)

(23) Se Seu Zé Pilintra mandou votar 25, quem sou eu pra contrariar entidade. FORA CRIVELLA! (Legenda no Twitter)

Imagem 4



Fonte: Barreira (2020, Online)

- (24) Iris Cordeiro, eleitora de Eduardo Paes, saiu de casa de chapéu para votar no candidato do DEM (Texto do jornal)

Caso *impeachment* Bolsonaro

Imagem 5



Fonte: Alves e Martini (2021, Online)

- (25) Entre buzinas favoráveis e contrárias, grupo se reuniu nos altos da avenida Afonso Pena, em Campo Grande neste domingo, em protesto contra o governo do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). A concentração começou a partir das 10h e carreta seguiu após 11h deste domingo (17). (Texto do jornal)

Imagem 6



Fonte: G1 Minas Gerais (2021, Online)

- (26) Manifestantes contrários ao governo federal organizaram uma carreta na manhã deste domingo (17), em Belo Horizonte, pedindo o impeachment do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). (Texto do jornal)

Como nossa aproximação desse material quer estar circunscrita à leitura do estatuto ontológico das imagens veiculadas nos jornais e nas redes sociais – em que pese a breve consideração que acrescentamos sobre os textos que as acompanham –, disponibilizamos o conteúdo acima organizado para sinalizar que as discussões evoluídas no encadeamento analisado transvazam ao final de seu circuito no ambiente *off-line*. No essencial, nossa conclusão se extrai do valor indicial das imagens, que, em vista de seu parentesco físico com os acontecimentos, nos habilitam a “vê-los” sob certo ângulo. Adicionalmente, porém, os textos que as acompanham acrescentam-lhe o suficiente para nos autorizar a afirmação de que tais ocorrências se realizaram no espaço das ruas (ou com a promessa de se ir às ruas, como em (21)) e mantêm relações importantes com os debates instaurados nas instâncias anteriores de nosso encadeamento.

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos examinar o funcionamento de uma cadeia de gêneros discursivos cuja existência nos pareceu defluir da articulação regular entre algumas instâncias midiáticas e o ambiente das ruas. Para fazê-lo, partimos da hipótese de que seu encadeamento fosse gerido conforme uma institucionalidade que lhe é própria. Essa institucionalidade, segundo nos pareceu, resultaria da sobreposição de diferentes esferas comunicacionais acrescentadas ao longo de sucessivos avanços tecnológicos no âmbito das telecomunicações. Em outros termos, tal regularidade se teria constituído como efeito da coexistência entre formações culturais que, em lugar de se subtraírem reciprocamente, teriam passado a funcionar de forma simultânea, integrando variados níveis de uso da linguagem. Para verificar nossa hipótese, procedemos a uma análise comparativa de dois episódios ligados à nossa história política cuja rede discursiva por eles acionada nos parecia guardar notável simetria.

Apoiados na tese de Lúcia Santaella sobre a passagem de uma cultura de massas para uma cultura das mídias ao final do século XX, quisemos justificar o fato de que a instância da TV possui em nossa cadeia uma posição privilegiada. Nessa direção, argumentamos que o antigo papel centralizador que a televisão exercia na cultura de massas parece hoje resistir na condição atenuada de uma instância propulsora dos encadeamentos que ela própria aciona quando propaga notícias de alto interesse político. Essa persistência estaria relacionada, assim sugerimos, aos resíduos na memória coletiva de sua antiga posição na cultura de massas, que apenas gradualmente poderia ceder à força emergente do cenário atual, em que os conglomerados comunicacionais se apresentam em forma múltipla e interativa, impedindo a sustentação de uma função comunicativa centralizadora.

Outro índice da transição entre as culturas de massa e de mídia que encontramos durante o exercício de análise foi a equivalência de *status* que nos jornais digitais analisados se concedeu a celebridades e anônimos quando da divulgação do reflexo no ambiente das redes dos acontecimentos antes propagados pela televisão. Nessa direção, postagens realizadas por artistas como Fábio Porchat, Yuri Marçal, Marcelo Adnet, Teresa Cristina, Lulu Santos foram noticiadas ao lado de manifestações publicizadas pelos demais usuários da *web*. As vozes retomadas nos noticiários se faziam representar tanto por agentes protagonistas dos fluxos de massa quanto por comunidades constituídas no seio da recém-formada cultura das mídias.

Durante a evolução de nossa discussão teórica, sugerimos uma alternativa à tipologia de Swales, para quem as cadeias devem ser separadas em simples ou complexas, conforme os gêneros nela articulados pertençam a um ou vários domínios institucionais. Assim o fizemos porque tanto as cadeias que se organizam no interior de um mesmo domínio como aquelas que dependem de um arranjo institucional heterogêneo podem consolidar seu funcionamento em circuitos menores ou maiores, lineares ou não-lineares, o que, já de início, justificaria uma discriminação entre arranjos simples e complexos. Preferimos sustentar que uma classificação em *híbridas* ou *não-híbridas* melhor atenderia à necessidade de se indicar a diversidade composicional das cadeias de gêneros, já que o aspecto definidor das modalidades de encadeamento mais corresponde ao grau de sua heterogeneidade que ao de seu intrincamento.

Em que pese a frequente maleabilidade dos intervalos de tempo que separam os gêneros reunidos nos encadeamentos, foi também importante considerar esse aspecto no circuito pelo qual nos interessamos, visto que a celeridade e a regularidade temporal se insinuaram nos casos examinados como um aspecto essencial de sua atividade. Verificamos que nossa cadeia de gêneros se desenvolve e finaliza seu percurso em um espaço de tempo que, nos registros das matérias selecionadas, corresponde a um total médio de 4 dias. Já os intervalos de tempo que separam seus gêneros entre si mostraram-se circunscritos a períodos exíguos de um a dois dias. Aqui novamente sublinhamos que a evolução da cadeia parece justificar a celeridade do seu passo no critério da atualidade segundo qual as notícias são produzidas. Deve-se ainda mencionar o caráter acontecimental das redes, que, conforme a análise nos sugere, em alguns momentos reagem aos jornais televisivos ou impressos na qualidade de seus comentadores.

Quanto ao funcionamento linguístico-discursivo da cadeia estudada, escolhemos avaliar as estratégias de representação discursiva utilizadas em cada uma das etapas do circuito quando da retomada do material produzido nas instâncias imediatamente anteriores. Por ocupar a televisão a posição de acionadora do circuito genérico, foi necessário iniciar nossa análise pela apreciação do conteúdo proveniente das redes sociais, etapa seguinte do encadeamento, onde o que se transmitia pela TV era subsequentemente recortado em novo objeto discursivo forjado na matriz semântica da própria comunidade virtual.

No primeiro caso examinado, referente à disputa eleitoral entre Crivella e Paes, o objeto produzido e tematizado nas redes foi submetido a um tratamento em três estágios. Inicialmente, os usuários da rede procederam de modo a informar aos demais internautas a fala do candidato Marcelo Crivella. Sob um enfoque pragmático, sustentamos que esse movimento teria resultado na construção do próprio objeto tematizado. Uma vez convertida a fala do candidato em novo objeto discursivo, os internautas avançaram com o trabalho de seu processamento crítico: inicialmente por antagonismo direto, depois submetendo-o aos efeitos discursivos da sátira. Como última etapa, as apreciações humorísticas modularam seu objetivo retórico, passando a insuflar os usuários da rede a se mobilizarem em protesto nos espaços comuns da via pública.

Já nas mobilizações pró-*impeachment* contra o presidente Bolsonaro, o conteúdo produzido nas redes apresentou-se como se presumisse a existência de ocorrências anteriores semelhantes. Tratando o conteúdo divulgado na TV como ápice de uma sequência de efeitos políticos desastrosos, os tweets puderam de imediato se converter em palavras de ordem que conclamavam o *impeachment* do presidente.

Das representações utilizadas nos jornais digitais, verificamos que o noticiário inscrevia sua própria posição no texto da matéria recorrendo a estratégias de adesão e afastamento em relação às vozes que ele mesmo representava. O resultado dessa dinâmica era a veiculação de posicionamentos mais ou menos definidos que, no entanto, se ofereciam ao público como perspectivas descomprometidas em relação às realidades que se limitavam a apenas descrever e comunicar.

Na última etapa de nossa cadeia, houve a necessidade de nos valermos de um expediente adicional para tratar os efeitos de nossa cadeia no ambiente off-line. Isso porque as ocorrências no espaço das ruas só puderam ser analisadas recorrendo-se a sua captura pela lente do repórter, que no jornal a um só tempo retrata e comenta a cena apurada à luz do dia.

Finalmente, sendo o fenômeno que aqui estudamos uma cadeia de gêneros de tipo híbrida, como preferimos categorizá-la, é mais provável que seu funcionamento demonstre uma estabilidade ainda mais relativa se comparada ao das cadeias que operam no interior de um mesmo domínio institucional, já que, nesse último caso, a regularidade do encadeamento é usualmente sustentada por uma normatividade organizacional que procura mantê-la sob controle.

Parece-nos, assim, que seria válido acompanhar movimentos semelhantes a este que apresentamos, registrando-se em análise a irrupção de inflexões que venham se impor ao sequenciamento aqui sugerido. Tais oscilações, se observadas, não seriam contrárias às nossas expectativas, já que o fenômeno aqui estudado é diretamente dependente do arranjo sócio-histórico que o acompanha. Com efeito, em função do passo acelerado em que a tecnologia se desenvolve, os encadeamentos midiáticos tendem a rapidamente evoluir para novas configurações no interior de uma periodização infrassecular.

Declaração de autoria

Quanto à participação dos autores na realização do trabalho, esclarecemos que a distribuição das atividades se deu da seguinte forma: Estêvão Freixo e Nathalia Figueiredo fizeram a seleção de material bibliográfico, o fichamento das leituras e a escrita do artigo. O prof. Bruno Deusdará contribuiu com a concepção inicial, supervisão e revisão final do trabalho.

Agradecimento

Cabe um agradecimento especial ao grupo de estudos em análise do discurso vinculado ao projeto PIBIC do Departamento de Letras da UERJ. A sugestão inicial do tema e a direção de pesquisa aqui desenvolvidas foram elaboradas durante os encontros das bolsistas e demais pesquisadores envolvidos nesse projeto, que é conduzido pelo professor Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues. Como resultado das discussões ali encaminhadas, outro trabalho, agora em fase de acabamento pela Editora Urutau, de São Paulo, será publicado na obra *Insurgências em tempos de pandemia* sob o título “Com o chapeuzinho de Zé Pelintra”: produção de um modo outro de habitar a disputa eleitoral conservadora no contexto da pandemia. Nosso artigo, fruto também dos debates realizados durante as reuniões desse grupo, agora ganha corpo neste trabalho que encaminhamos à Revista e Estudos da Linguagem, vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Referências

- ALVES, A.; MARTINI, G. Carreata na Afonso Pena pede “vacina já” e “fora Bolsonaro”. *Campo Grande News*, Campo Grande, 17 jan. 2021. Política. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/politica/carreata-na-afonso-pena-pede-vacina-ja-e-fora-bolsonaro>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- AMORIM, H.; CARDOSO, A. C. M.; BRIDI, M. A. Capitalismo industrial e plataforma: externalizações, sínteses e resistências. *Caderno CRH*, Salvador, v. 35, p. 1–16, 2022, DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v35io.49956>.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARREIRA, G. Após Crivella ironizar ‘chapeuzinho de Zé Pelintra’, acessório é adotado por eleitores e aliados de Paes. *G1*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2020. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/30/apos-crivella-ironizar-chapeuzinho-de-ze-pelintra-acesso-rio-e-adotado-por-eleitores-e-aliados-de-paes.ghml>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- BRAGA, R. *Os sentidos de junho*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/07/06/os-sentidos-de-junho/>>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BRASIL. DECRETO-LEI Nº 3.689, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- “CHAPEUZINHO Zé Pelintra”: fala de Crivella é criticada na internet. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2020. Eleições. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/eleicoes/2020/11/6036398-chapeuzinho-ze-pelintra-fala-de-crivella-e-criticada-na-internet.html>>. Acesso em: 11 mar 2023.
- CARTACAPITAL. Eleitores do Rio usam ‘chapéu de Zé Pelintra’ contra Crivella. *CartaCapital*, São Paulo, 29 nov. 2020. Cartaexpressa. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/eleitores-do-rio-usam-chapeu-de-ze-pelintra-contra-crivella>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- EARL, J.; KIMPORT, K. *Digitally Enabled Social Change: Activism in the Internet Age*. Cambridge: MIT Press, 2011.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- GOMES, R. S. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.
- G1 MINAS GERAIS. Carreata em BH pede impeachment de Jair Bolsonaro. *G1*, 17 jan. 2021. Minas Gerais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/01/17/carreata-em-bh-neste-domingo-pede-impeachment-de-jair-bolsonaro.ghml>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- GUSSEN, A. F. Em 24h, pedidos de impeachment cresceram 432% nas redes sociais. *CartaCapital*, São Paulo, 15 jan 2021. Política. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/em-24h-pedidos-de-impeachment-cresceram-432-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 11 mar 2023.
- KNEIPP, J. C. Debate Globo Prefeitura Rio: Crivella fala em “chapéu de Zé Pelintra” e web acusa de preconceito e intolerância religiosa. *Yahoo! Notícias*, Sunnyvale, 27 nov. 2020. Notícias. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/debate-globo-prefeitura-rio-crivella-fala-em-chapeu-de-ze-pelintra-e-web-acusa-de-preconceito-e-intolerancia-religiosa-024357984.html>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos em Comunicação*. 3ª ed. São Paulo: Cortês Editora, 2004.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Parábola Editorial, 2010.
- MORALES, O. E. T.; SOUZA, C. A. DE; ROCHA, P. M. Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso “Mídia Ninja”. *Ação midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, Curitiba, v. 6, p. 1–15, 2013, DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/am.v1i6.33737>.
- NASCIMENTO, E. P. A modalização no gênero notícia jornalística. *Revista do Celne*, Natal, v. 8, n. 1/2, p. 71–86, 2006.
- NOBRE, K. C.; BIASI-RODRIGUES, B. Sobre cadeias de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v. 12, n. 1, p. 213–230, 2012.
- OLIVEIRA, M. C. S.; CARELLI, R. DE L.; GRILLO, S. Conceito e crítica das plataformas digitais de trabalho. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 2609–2634, dez. 2020, DOI: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/50080>.
- PRIMO, A. Interney blogs como micromídia digital: elementos para o estudo do encadeamento midiático. In: Encontro anual de associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação, 17, 2008, São Paulo. *Anais*, Porto Alegre: Limc, 2008. p. 1–17.
- REDE BRASIL ATUAL. Cresce mobilização nas redes sociais por impeachment ‘urgente’ de Bolsonaro. *Rede Brasil Atual*, São Paulo, 15/01/2021. Política. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/cresce-mobilizacao-nas-redes-sociais-por-impeachment-urgente-de-bolsonaro>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SEARLE, J. R. *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SOARES, N.; FERREIRA, G. M. Discurso e Imagem: possibilidades metodológicas para uma análise discursiva do fotojornalismo contemporâneo. *Intexto*, Porto Alegre, n. 39, p. 177–200, 23 maio 2017, DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201739.177-200>.
- SPINOLA, S. S. *La représentation critique du discours de l'autre: le questionnement oppositif*. Münster: Lit, 2000.
- SWALES, J. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWALES, J. *Research genres: exploration and applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- VION, R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette, 1992.